

Apresentação – Revista SCIAS: Educação, Comunicação e Tecnologia 2ª edição de 2025

3

Maria Esperança de Paula ¹

Magda Guadalupe dos Santos²

A segunda edição de 2025 da *Revista SCIAS – Educação, Comunicação e Tecnologia* reúne reflexões e experiências que dialogam com os desafios contemporâneos da produção do conhecimento em contextos marcados por profundas transformações científicas, tecnológicas, sociais e culturais. Os textos que compõem esta edição transitam entre diferentes campos do saber, articulando educação, comunicação, tecnologia, psicologia e escritas femininas, em um movimento que valoriza tanto a inovação quanto a dimensão humana e ética da ciência.

Abrindo a edição, a entrevista “**As conquistas da Física e os desafios e as possibilidades do computador quântico**”, com o professor doutor Fernando Brandão (Caltech, EUA), convida o leitor a refletir sobre os avanços científicos e tecnológicos que redefinem os modos de pensar, ensinar e aprender. Ao discutir o desenvolvimento do computador quântico, a entrevista ultrapassa a dimensão técnica e provoca reflexões sobre os impactos dessas tecnologias na formação humana, no pensamento científico e nas responsabilidades sociais que acompanham o progresso tecnológico.

¹ Editora-Chefe da Revista SCIAS. Educação, Comunicação e Tecnologias. Professora de Tecnologia Educacional na Faculdade de Educação da UEMG. Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: maria.esperanca@uemg.br

² Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE. UEMG). Pesquisadora de Filosofia e Teorias Feministas. Doutora em Direito. Mestre em Filosofia (ambos os títulos pela UFMG). E-mail: magda.santos@uemg.br

Também a atividade de ensinar sobre humanidades, pensar a relação entre saberes prontos e saberes inspiradores e críticos ajudam na releitura dos ideais pedagógicos que se desenvolvem da Antiguidade até à Contemporaneidade, tal como prudência e sabedoria; princípios que norteiam a investigação de tradições em torno ao humanismo e à técnica na Modernidade, como caminhos formativos que direcionam a vida democrática que chega até nós, com dilemas e tecnologias. Em diálogo com esse cenário, a edição destaca uma **sessão especial dedicada às escritas femininas**, compreendidas não apenas como forma de expressão, mas como prática política, epistemológica e de resistência. Os textos dessa sessão mobilizam memórias, experiências e trajetórias de mulheres, evidenciando a escrita como espaço de construção de sentidos, de afirmação de subjetividades e de enfrentamento das desigualdades históricas presentes no campo acadêmico. Inspiradas por caminhos já trilhados por autoras como Conceição Evaristo, Virginia Woolf, Nísia Fernandes, teóricas do direito como Catharine MacKinnon, filósofas como Simone de Beauvoir, entre outras, essas escritas reafirmam a palavra como lugar de existência, criação e transformação.

A escritura feminina merece destaque na medida em que retoma o curso da história e tradição literária em diferentes percursos para que experiências femininas possam ser investigadas e relacionadas entre si. Ademais, as ligações entre identidades femininas, submissão cultural, exclusões das narrativas tradicionais entre outros tópicos de análise merecem aqui destaque, inclusive na temática tecnológica, que pode tanto libertar, quanto aprisionar as vidas humanas, tal como ocorre na mídia exploratória das vozes e corpos de mulheres.

Contudo, nos diversos textos, não se visa apenas analisar e compreender o cenário exploratório, mas também o de libertação que dá lugar ao protagonismo feminino, seus saberes, suas oposições e representações histórico-sociais. Na esteira de análise entre escrita e categorias de gênero, vislumbra-se nos artigos o alcance de práticas sociais em que o signo linguístico equivalente a mulheres e homens se estruturam em torno a relações de dominação, propostas de forma hierarquizada, mas também de renovações, busca pela isonomia de direitos e deveres, pautas dialógicas entre os gêneros. Nos artigos que ora se apresentam, surgem diversas e fundamentadas críticas acerca das relações humanas que se

originam da posição ocupada por mulheres e homens no sistema social, em que violência e ideologias se mesclam em formas de imposição cultural.

Também se criticam as práticas falocráticas que tendem a criar e a manter certa posição de inferioridade e subordinação das mulheres no sistema patriarcal em que a dimensão de subjetividade se dissolve em práticas de alienação, reificação e até mesmo em plataformas que se demonstram criadoras e permissivas de comercialização de corpos e imagens femininas para manutenção de objetificação da imagem do feminino na cultura. A escrita feminina vem, justamente, demonstrar que bem diverso pode ser o traçado do perfil feminino em que vozes e agenciamento se remodelam entorno ao desempenho de funções ativas, criativas. Estas demonstram a trajetória da vida de mulheres em seus variados papéis na sociedade, ampliando o cenário do que é o ser humano na cultura ocidental, refazendo modelos pedagógicos de violência e visando trocá-los por modelos de reconstrução de conhecimentos, ampliação de solidariedade humana no vasto domínio dos saberes e vivências.

As reflexões sobre maternidades, escrevivências e produção científica feminina tencionam em modelos hegemônicos de conhecimento e ampliam o debate sobre quem escreve, a partir de quais lugares e com quais vozes.

Ao valorizar narrativas situadas e experiências vividas, a revista reafirma o compromisso com uma ciência plural, sensível às diferenças e atenta às relações de gênero que atravessam os processos educativos e acadêmicos.

A dimensão tecnológica, presente em diferentes artigos da edição, é abordada de forma crítica e contextualizada. As discussões sobre metodologias ativas, gamificação, uso de tecnologias educacionais e ensino das humanidades evidenciam que a inovação pedagógica não se limita à incorporação de ferramentas digitais, mas exige reflexão sobre sentidos, finalidades e impactos das tecnologias na formação de sujeitos. Nesse contexto, a educação é compreendida como espaço de mediação entre técnica, ética e humanização.

A edição também amplia o olhar para os aspectos psicológicos e sociais que atravessam os processos educativos, ao abordar desafios enfrentados por educadores e profissionais em contextos de vulnerabilidade, diversidade e conflito. As reflexões sobre intervenções pedagógicas e psicológicas em ambientes escolares confirmam a importância de práticas educativas

comprometidas com o cuidado, a escuta e a reconstrução de vínculos, especialmente em cenários marcados por traumas, deslocamentos e exclusões. Ao articular ciência, tecnologia, educação, psicologia e escritas femininas, esta edição propõe um espaço de diálogo interdisciplinar que reconhece a complexidade do mundo contemporâneo. Mais do que apresentar resultados de pesquisa, os textos aqui reunidos convidam à reflexão crítica sobre os modos de produzir conhecimento, ensinar, aprender e narrar experiências, reafirmando o papel da educação e da comunicação na construção de sociedades mais justas, sensíveis e comprometidas com a dignidade humana. Destacam-se, em especial, nas variantes das pesquisas textuais, tanto a valorização da experiência, vozes, saberes femininos, revisitados ao longo da história, quanto a afirmação da igualdade de mulheres no sistema de hegemonias de conhecimento supostamente apenas masculino. Nos textos se demonstram formas democráticas de repensar a formação cidadã com ajuda das tecnologias, propondo-se criação de espaços de comunicação dialógicos de saber e de novos olhares pedagógicos sobre a história da cultura sempre em bases críticas, para que se ampliem, sobretudo, formas de vida amparadas por diferentes visões de mundo.